



PANORAMA HISTÓRICO DA EPISTEMOLOGIA GREGA: SEU CLÍMAX

Historical survey Greek Epistemology: its climax

Autor: Cornelius Van Til

Tradutor: Diego Pereira de Andrade*



* Graduando em Teologia pela Faculdade Batista do Cariri (FBC). Pós-graduando em Apologética pela FBC.

Contato:

diegopeandrade@gmail.com

Até agora, falamos dos primórdios da filosofia grega. Sob esse título geral, foi necessário também examinar as questões da neutralidade e do mal. O olhar se volta agora para o maior desenvolvimento do pensamento grego na medida em que tem influência sobre o nosso assunto.

Para atingir nosso objetivo, não será essencial que analisemos cada um dos filósofos gregos para ver o que eles têm a dizer sobre o tema da epistemologia. Não estamos interessados no desenvolvimento histórico da epistemologia grega, exceto na medida em que lança luz sobre o ponto mais alto alcançado por Platão e Aristóteles. E desses dois filósofos consideraremos Platão em vez de, ou pelo menos mais que, Aristóteles. A razão para isso é que estamos interessados principalmente em saber o que o gênio grego tem a dizer sobre o lugar da mente humana no universo, e isso pode ser facilmente verificado em um estudo de Platão do que

em um estudo de Aristóteles. E mesmo se tivermos equivocados neste ponto, não é de grande relevância. Ninguém negará que um estudo de Platão dê um bom corte transversal do pensamento grego. Uma vantagem que certamente é obtida com Platão ao invés de Aristóteles é que Platão tem sido mais frequentemente aclamado como precursor do cristianismo do que Aristóteles. Certamente, a igreja romana colocou Aristóteles acima de Platão, mas trataremos dessa afirmação posteriormente. Neste momento, estamos mais preocupados com afirmações como as feitas por Paul Elmer More, no sentido de que Platão forneceu o verdadeiro fundamento para o cristianismo. O professor More pensa que há uma grande diferença entre a filosofia de Platão e a de Aristóteles. A filosofia de Platão, ele sustenta, representa um dualismo, e, como tal, tem muito em comum com o cristianismo, enquanto a filosofia de Aristóteles ficou paralisada na tentativa de uma metafísica unificada. Não tentaremos estimar a diferença entre Platão e Aristóteles, conforme encontrada pelo Professor More. Não temos nenhuma contenda com ele sobre sua interpretação de Platão. Afirmamos que Platão e Aristóteles estavam diametralmente opostos ao cristianismo, e que está fora de questão falar do cristianismo ter se desenvolvido a partir de qualquer uma de suas filosofias. Isso não nega que o pensamento grego em geral e a filosofia de Platão e Aristóteles em particular tenham sido de grande valor formal para o cristianismo. Também não queremos dizer que o cristianismo, em muitos de seus expoentes, não foi realmente influenciado pelo pensamento pagão. Mas a mentalidade do cristianismo é uma reversão da mentalidade grega.

É à doutrina da alma de Platão que devemos nos voltar para encontrar o que pode ser chamado de marca d'água da especulação epistemológica grega. Nela temos diante de nós os frutos mais maduros da especulação grega sobre o lugar da mente do homem no universo. Se alguém quiser sustentar que devemos ir às categorias de Aristóteles, e não à doutrina platônica da alma, a fim de ter uma amostra justa, bem como a marca d'água da especulação grega sobre epistemologia, não temos nenhum problema com isso. Paul Elmer More já provou o grande abismo que existe entre o cristianismo e o aristotelismo. Agora, estamos interessados em mostrar que existe o mesmo abismo entre o cristianismo e o platonismo.

Para preparar o terreno para uma compreensão da doutrina da alma de Platão, devemos lembrar certos aspectos gerais de sua filosofia. Em primeiro lugar, devemos ter

em mente que todos os antecessores de Platão, com a possível exceção de Sócrates, eram materialistas ou pelo menos hilozoísticos em suas concepções da alma humana¹.

Tales identificou o princípio inerente da mudança na natureza com a alma humana². Foi feita pouca distinção entre a alma e o corpo. Heráclito diz que o pensamento era o atributo mais importante da alma em distinção das funções do corpo. Mas até mesmo Heráclito não distingue entre a alma do universo ao redor do homem e a alma dentro do homem. Elas são pressupostas como sendo um fragmento de um com o outro. Mesmo o “*nous*” de Anaxágoras não introduz a ideia de espiritualidade. Algo deve ser feito, diz Adamson, para formar uma noção de incorporealidade que não exclui a materialidade, a fim de entender o que os primeiros gregos queriam dizer com a alma. É bom lembrar esse plano de fundo de Platão. O próprio Platão não escapou dessa influência. Nenhum dos antigos aprendeu a pensar na alma humana individual em clara distinção do universo material como um todo. É essa tendência objetiva – falando desta maneira por conta do sentido popular do termo “objetivo” -, que torna tão difícil para nós, modernos, acostumados a dar ênfase à alma humana individual, entender a posição dos gregos.

Em segundo lugar, deve-se observar que a filosofia grega como um todo tende a despersonalização e abstração. Não que isso fosse conscientemente o caso. Nem teria sido de forma consciente porque o conceito moderno de personalidade era desconhecido para os gregos. Isso significa dizer que, embora houvesse, no caso de Platão, um avanço da materialidade para a espiritualidade, isso era entendido abstratamente. Um aspecto do universo é entendido como material e o outro aspecto como espiritual, e a alma encontra seu lar no aspecto espiritual. Mas deste aspecto espiritual do universo, a alma é no máximo uma individuação. Paul Elmer More argumentou bastante que a abstração se estabeleceu com Aristóteles, mas pode-se duvidar se ele foi efetivo em sua argumentação.

¹ cf. E. Caird, *Evolução da Teologia na Filosofia Grega*; RK Gaye, *platônico Imortalidade*; Adamson, *O Desenvolvimento da Filosofia Grega*, etc.

² cf. Aristóteles, *De Anima I*, 411, a, 7.

Era característica da mente grega transformar coisas em abstrações. É inerente a todo pensamento apóstata pensar de modo abstrato.

Uma terceira observação geral a ser feita é que o pensamento grego em geral era intelectualista. Os aspectos emocionais e volitivos do homem receberam pouca atenção. A essência da alma é encontrada na contemplação das “Ideias”. Platão estava firmemente convencido de que o mundo dos sentidos não é o mundo mais real. Tem sua realidade, com certeza. Mas sua realidade era adequadamente conhecida através dos sentidos. O mundo mais real era o mundo das Ideias, e isso não podia ser conhecido através dos sentidos; tinha que ser conhecido através da contemplação pela mente.

Após um exame cuidadoso, todas as três características enumeradas (a) uma tendência à identificação da mente humana com as leis do universo como um todo, (b) uma tendência à despersonalização e abstração, e (c) uma tendência ao intelectualismo serão marcas de todo pensamento não/anti-teísta. Vamos tentar apontar isso em um estágio posterior. E se essa opinião estiver correta, é evidente que nos recompensará ver esses princípios em operação no caso de Platão.

Podemos agora observar o desenvolvimento da doutrina platônica da alma nos vários diálogos. *O Banquete* é o primeiro diálogo em que a doutrina de uma alma perdida na contemplação de "ideias" é sugerida. Na alegoria de Alceste retornando à Terra, parece haver uma indicação do tipo de imortalidade que o grego comum desejaria. Em recompensa pelo grande amor demonstrado ao marido, Alceste pode retornar à terra do reino de Hades. Parece, assim, que a vida eterna na Terra é a melhor recompensa que o grego poderia pensar. Mas logo parece que isso é impossível, se não indesejável. Pense-se que a imortalidade deve ser outra coisa³. Há uma sugestão de um tipo de seres que são imortais em sua própria natureza. Podemos pensar no homem como imortal em sua própria natureza? Essa é a pergunta feita. Não estamos acostumados a fazê-lo. Mas Diotima, o inspirado - pois nem Sócrates ousa assumir a responsabilidade por uma visão tão ousada - nos diz que pode haver alguns indivíduos entre homens que parecem ser tão completamente diferentes do tipo comum de homens que parecem pertencer a outra raça.

³ *Simpósio*, 208 AB.

Estes são os filósofos. Todas as suas vidas desprezaram as meras aparências da virtude e mantiveram os olhos no alto para estudar a beleza e a própria virtude. A imortalidade na terra neste mundo dos sentidos seria uma punição, e não uma recompensa, para um ser como esse. A perpetuação das espécies também não seria suficiente. O amante pode estar satisfeito com uma beleza particular, mas o filósofo deve ver a própria beleza ideal. Ele já vê isso, não agora e depois, mas continuamente. No entanto, ele anseia pelo tempo em que nada mais obstrua sua visão. Ele parece perceber que sua cidadania está no mundo das ideias eternas.

A forma da apresentação aqui é metafórica, mas já podemos ver a direção em que o pensamento de Platão está se movendo. A verdadeira natureza do homem é sua alma, e não seu corpo. Um dualismo está se desenvolvendo. Além disso, a verdadeira natureza do homem é o intelecto e não os sentidos. Somente através do intelecto o homem pode entrar em contato com os universais, e essas ideias universais têm mais realidade do que as particularidades da experiência sensorial. Outro dualismo está se desenvolvendo. A verdadeira função da alma do homem é a contemplação das ideias, e seu destino mais elevado é a separação do mundo dos sentidos, a fim de ser totalmente absorvido na contemplação das ideias.

Mas Platão é obrigado a considerar profundamente as sugestões oferecidas por Diotima. Talvez Diotima nos tenha transportado para o céu com uma carruagem de fogo, enquanto esquecemos que somos apenas filhos do pó. No *Fedro*, então, Platão procura dar uma demonstração definitiva da validade da ideia de imortalidade. Ele chega à conclusão de que Diotima estava certo. É da essência do homem estar conectado com o mundo Ideal. A alma é considerada imortal por sua própria natureza e, por esse motivo, pode esperar imortalidade no sentido de existência continuada.

No *Fédon*, essa linha de argumento é desenvolvida com mais detalhes. O verdadeiro conhecimento é somente dos universais, e é a alma em sua capacidade intelectual que está preparada para entrar em contato com este mundo. Ainda assim, não devemos traçar esse argumento muito bruscamente. Mesmo em *Protágoras*, um diálogo inicial, Platão fez Sócrates admitir que, se a virtude é ensinável, deve haver um estágio de aprendizado. E não seria esse o caso se houvesse uma separação muito nítida entre o mundo dos sentidos e o mundo das Ideias. Nesse caso, alguém sabe ou não sabe; ou

alguém está em contato com o mundo Ideal e, portanto, possui-o como conhecimento ou é uma pobre minhoca e nada sabe. Alguma realidade deve ser dada ao mundo dos sentidos, na medida em que o aprendizado parece possível. Talvez a habitação da alma no corpo não seja totalmente em vão. Talvez exista uma relação mais estreita entre alma e corpo do que estamos dispostos a admitir. Talvez até o destino de ambos seja o mesmo. Pelo menos a encarnação da alma no corpo tem algum significado para o mundo dos sentidos.

O problema desagradável pelo qual deveria haver uma encarnação das Ideias não é discutido aqui. O problema do *Cur Deus Homo*⁴ nos encontrará repetidas vezes. Foi e ainda é um ponto de discórdia entre os dois principais sistemas opostos de pensamento. Nisto o teísmo é acusado, ficando em apuros por acreditar em um Deus absoluto que é autossuficiente. Um Deus assim poderia, afirma-se, não ter motivos para se encarnar ou para criar quaisquer seres que existissem fora de si, uma vez que ele já era autossuficiente. Mencionamos apenas esse assunto aqui para chamar a atenção para o fato de que o maior expoente do pensamento grego não tinha solução a oferecer quando chegou a considerar esse problema. Ainda não se sabe se o pensamento anti-teísta posterior encontrou uma solução. Mesmo no pensamento mais maduro de Platão, expresso no *Timeu*, há apenas uma sugestão mais fraca da ideia de que talvez seja função da alma reunir duas forças opostas no universo, a saber, espírito e matéria. E essa falta de noção de reconciliação que se aproxima da ideia cristã sobre esse assunto corrobora o que foi dito acima sobre a suposição por parte dos gregos de que a mente do homem é naturalmente sã. Supõe-se que não há reconciliação a ser feita entre Deus e o homem. E se há alguma reconciliação a ser feita, é a mente do homem que deve fazer a reconciliação. Assim, a mente do homem não precisa de nenhuma reconciliação com Deus por Deus, mas ela mesma pode reconciliar o universo físico com Deus. Em vez de precisar de um Mediador, a mente do homem se estabelece como mediadora, se é que deve haver algum mediador.

Mas devemos voltar ao argumento desenvolvido por Platão. O que alcançamos até agora é que, de acordo com Platão, toda alma é imortal. Isso não implica necessariamente que cada alma é imortal. Platão pensa que toda alma é movida por si

⁴ NT: Significa por que Deus se tornou homem? Van Til se refere à obra de Anselmo da Cantuária com este nome escrita no período de 1094-1098 dC.

mesma. E tudo o que é auto-movido é imortal. A alma humana não é definitivamente provada como imortal, mas, como está conectada com a alma cósmica como um todo, é de esperar que seja razoavelmente imortal também. Pois suponha que a alma humana deva perecer, então não haveria garantia de que a alma do mundo como um todo também não perecesse.

É de particular importância aqui observar que a base final do argumento é a eternidade assumida ou, pelo menos, a eternidade da existência do universo. Platão em nenhum lugar identifica tempo e eternidade, mas ele faz algo próximo a isso. Para todos os propósitos práticos, sua concepção do tempo como "a imagem em movimento da eternidade" equivale a dizer que o eterno e o temporal são aspectos igualmente fundamentais de uma Realidade geral. Quando dizemos "fundamentais" aqui, não queremos dizer que o temporal e o eterno sejam igualmente valiosos aos olhos de Platão. Muito pelo contrário é o caso. O eterno é às vezes apresentado como sendo o único aspecto valioso da realidade. Mas isso não muda o fato de que, segundo Platão, o tempo e a eternidade são igualmente não derivados. A eternidade não é derivada do tempo, mas o tempo também não é derivado da eternidade. E esse é o fato que torna irreconciliável a posição de Platão com qualquer interpretação consistente do teísmo cristão.

Vemos então que a alma humana é vista como uma parte do universo temporal que não é derivada da eternidade. Em outras palavras, a mente humana não é derivada de Deus e, por essa razão, como descobriremos, não é, em última análise, responsável perante Deus. Portanto, a interpretação da mente humana é realmente tão definitiva quanto a interpretação da mente divina. E inevitavelmente se seguiria que, se então surgisse uma diferença de opinião entre a mente humana e a divina, a mente humana, nesse caso, teria que agir de acordo com seu próprio julgamento, em vez de agir com o julgamento de Deus. Se os dois estão completamente de acordo sobre um curso de ação, a questão da prioridade não precisa surgir. Porém, assim que houver uma diferença de opinião, a questão deverá surgir se a cooperação for continuar. E, se a cooperação não for continuar, é necessário que a separação seja possível. E a possibilidade de separação pressupõe mais uma vez uma independência original.

Iniciando o argumento por outra direção, podemos dizer que o método de raciocínio empregado por Platão envolve uma independência do homem, a fim de ter

algum significado. Platão teve que assumir o caráter não derivado da mente humana a fim de assumir o caráter não derivado de todo o universo temporal. Realmente faz muito pouca diferença a esse respeito, se alguém começa com a metafísica e termina com epistemologia, ou se começa com epistemologia e termina com metafísica. O importante a observar é que um está envolvido no outro. A independência assumida do universo como um todo leva e implica uma independência original por parte da mente do homem. Por outro lado, a independência pressuposta da mente humana leva e implica uma independência original do universo.

De passagem, veríamos que, se a posição teísta cristã for verdadeira, o pensamento platônico é o desenvolvimento lógico do pensamento de Eva depois que ela se rendeu à tentação do diabo. Eva ainda teve uma luta quanto a isto, se era ou não sábio assumir a igualdade última de Deus, o diabo e o homem. Platão não tinha mais escrúpulos de consciência sobre esta questão. Em seu tempo, a raça humana havia se tornado tão bem acostumada à cegueira do antiteísmo, que era dado por certo que nunca tinha havido outra maneira de ver, a não ser com olhos cegos. Ou se isso for considerado uma declaração muito forte e alguém queira preservar uma ingenuidade completa como atribuímos a Platão pelo cientista moderno, está bem. Há alguma razão para isso. Platão ainda estava disposto a atribuir algum significado possível aos mitos dos quais os antepassados falaram. Paul Elmer More mostra isso muito bem quando diz que Platão começa com o racionalismo e termina com a teologia. O que ele pretende nos transmitir é que Platão, é claro, como filósofo, começa assumindo que a mente humana é capaz de conhecer os enigmas do universo, mas que quando o homem vê mais profundamente as limitações do pensamento humano, ele está disposto a ouvir com algum respeito àqueles que afirmam ter tido revelações dos deuses. Platão considerava os mitos de uma era de ouro original como de importância secundária, como algo a que se poderia ouvir depois dos próprios esforços na solução falharem. Afinal, pode haver algo nesses mitos. O cientista moderno, por outro lado, obviamente não ouviria a narrativa de Gênesis do contato original do homem com Deus. Nesse sentido, Platão era menos extremamente anti-teísta do que o cientista moderno. Mesmo assim, a distância entre Eva e Platão era maior que a distância entre Platão e o cientista moderno. Platão chegou ao estágio em que as premissas anti-teístas já estavam tão profundamente arraigadas na raça humana, que nenhum homem de inteligência as questionou mais.

Nossa interpretação de Platão pode ser ainda mais corroborada pelo argumento encontrado no *Fédon*. Assim como no *Mênon*, também no *Fédon*, a doutrina da "preexistência da memória" é colocada em relação com a doutrina das Ideias para indicar que a alma nunca foi criada temporalmente, mas participa da Ideia de Vida e, por esse motivo, é imortal. Dez deve ser considerado maior que oito, não em razão de dois, mas em razão de grandeza. Assim, somente a gradação do melhor pode ser satisfeita. Portanto, o principal argumento de Platão é que a alma participa da Ideia da vida e, portanto, é imortal. A alma está em íntima relação com as Ideias, mas não é uma Ideia. "A própria natureza da alma consiste em sua visão das verdadeiras realidades, as Ideias. A alma é semelhante ao reino Ideal, e através de sua conexão íntima com ele é imortal."⁵

Um elemento distinto do argumento é a relação da alma com a noção de mudança. Havia referências a isto em alguns dos diálogos que discutimos. A alma foi concebida com toda a probabilidade como um princípio de movimento anterior à alma como o princípio da consciência no pensamento grego. No entanto, reservamos propositadamente a discussão a esse respeito, porque aqui as duas vertentes do pensamento são trazidas para a conexão mais íntima uma com a outra.

Aqui também pode ser visto com mais clareza o que leva essa concepção da alma como o princípio do movimento à questão epistemológica mais direta da alma como o princípio da consciência. Uma citação de Adamson trará nosso ponto. Ele diz: "O ponto em que a conexão com o reino Ideal é feita mais explícita é expressa por Platão como a relação entre a alma e a Ideia da vida: a alma é relativamente à ideia de vida o concreto que participa no mais abstrato, na Ideia de vida. O que é a Ideia da vida? Nada que eu concebo senão a essência abstrata da mudança; ou se essa noção for considerada ampla demais, de mudança espontânea."⁶ Aqui atingimos o cerne da questão. A Ideia da vida participa das características gerais de todas as Ideias, a saber, que é eterna e auto existente. Agora, dessa ideia de vida, a alma é uma manifestação ou particularização concreta. A alma "participa" da ideia de vida e, portanto, é não derivada. Até agora, o argumento é aquele com o qual nos familiarizamos com as considerações anteriores. O novo elemento

⁵ Adamson, *The Development of Greek Philosophy*, p. 116.

⁶ Adamson, *op. cit.*, p. 116.

adicionado é que a noção de mudança é levada diretamente para o reino das Ideias. Todo o mundo temporal é concebido como nada mais que uma particularização concreta do mundo eterno. Em vez de ser uma criatura em um mundo temporal criado por um Deus eterno, o homem é feito o criador conjunto com Deus do mundo temporal. Mas mesmo isso não expressa o assunto com toda a exatidão. Realmente não existe criação. Existe apenas um universo com dois aspectos: o eterno e o temporal. O eterno de alguma forma se expressa no temporal e é o homem que se apresenta como a aparência temporal do universo. Aqueles familiarizados com a terminologia teológica podem comparar a doutrina do conselho de paz por parte da Trindade com os ensinamentos de Platão nesse sentido. A teologia apresenta o Pai, o Filho e o Espírito, as três pessoas coeternas da Trindade, como consultores⁷ sobre o problema da encarnação que surge em conexão com a questão do mal. O Pai envia o Filho. No entanto, pode-se dizer com igual propriedade que o Filho vai por sua própria vontade. O Pai não é mais último que o Filho. Em Platão o homem pensado como tal é, por assim dizer, substituído pela segunda pessoa na Trindade. O homem é último como Deus; somente ele é quem aparece na esfera temporal e parece não ser diferente de Deus. O que o Credo de Calcedônia confessa sobre o *Theanthropos* identificado com a pessoa de Cristo, Platão confessa sobre o *theanthropos* identificado com o homem genérico. Para o cristianismo ortodoxo, é Cristo quem "de alguma forma" combina o eterno e o temporal em uma união próxima, sem mistura. No caso do pensamento de Platão, é o Homem que "de alguma forma" combina o eterno e o temporal por meio de uma mistura.

Vamos analisar por um momento a tríplice diferença envolvida na última frase. A primeira é aquela entre o homem genérico e o Mediador. Se a humanidade, como tal, desempenha a função de Mediador, será impossível que um homem seja o Mediador. Em segundo lugar, para Platão, a eternidade e o tempo são misturados, enquanto para o teísmo cristão as duas naturezas de Cristo são consideradas sem mistura. A concepção platônica da relação entre eternidade e tempo torna para sempre impossível que o cristianismo se desenvolva a partir do platonismo, como o Sr. More sustenta que sim. A terceira diferença está oculta na expressão "de alguma forma". Aparentemente, parece que nesse ponto pelo menos o cristianismo e o platonismo concordam que ambos admitem um mistério final

⁷ NT: Consulting no texto original.

em sua filosofia. Mas esse não é o caso. O platonismo aceita e o cristianismo não admite um mistério final em seu sistema. Que esta é uma afirmação justa da situação pode ser percebida a partir da consideração de que o conceito controlador do cristianismo é o conceito de um Deus absolutamente autoconsciente. Para um Deus assim, não poderia haver mistério final. Quando a igreja, de fato, professa que na pessoa de Cristo o eterno e o temporal estão "de alguma forma" unidos, ela apenas admite que o conhecimento humano não pode compreender a dificuldade envolvida. A igreja ao mesmo tempo afirma que em Deus o mistério está resolvido. O platonismo, por outro lado, deve sustentar que a mente divina, bem como a mente humana, estão cercadas por um universo no qual nenhuma das duas mentes penetrou ou pode penetrar. Portanto, o mistério existe igualmente para Deus e o homem. Se o homem se vê confrontado com um mistério insolúvel, não tem o direito de apelar para uma forma superior de inteligência, para a qual esse mistério não existe. Veremos mais adiante mais tarde que aqui mencionamos uma diferença fundamental que deve reaparecer com frequência.

A comparação que fizemos nos parágrafos anteriores entre as doutrinas pagã e cristã da encarnação também pode ser estendida para comparar as noções contrastantes de autoridade. Assim como o platonismo era obrigado a negar a qualquer pessoa uma posição distinta como mediador, porque o homem como tal é considerado o mediador, o platonismo também é obrigado a negar que qualquer homem possa reivindicar autoridade absoluta para si mesmo. Em outras palavras, foi uma conclusão prévia⁸ de que a mente grega rejeitaria o evangelho que Paulo pregava. O primeiro capítulo aos Coríntios⁹ traz esse ponto. Paulo diz que o mundo por sua sabedoria - isto é, pelo esforço de seu próprio intelecto - não havia encontrado Deus. Para a mente grega, o evangelho era tolice, porque implicava que a mente do "homem natural" é radicalmente corrupta. Paulo apresentou o evangelho, não como uma fonte de sabedoria em coordenação com outras fontes, mas como algo diante do qual os homens deveriam se curvar ante uma autoridade absoluta. O Cristo que Paulo pregou era um Cristo absoluto e, portanto, o evangelho de Cristo era um evangelho absoluto. Se o grego aceitasse esse evangelho de Cristo, ele teria que admitir

⁸ NT: Foregone conclusion no original

⁹ NT: Se referindo a 1 Coríntios 1.

que sua própria sabedoria era tolice e fazer isso implicaria uma reversão completa de seu modo de pensar. Naturalmente, essa inversão de pensamento não poderia ser efetuada a menos que fosse efetuada por Deus, ou seja, pelo Espírito Santo. Mas a existência de um Espírito Santo, o grego teria que negar para ser fiel ao seu próprio ponto de vista. Para ele, o espírito do homem genérico é santo. Pelo menos ele não podia permitir que o espírito de qualquer homem fosse absolutamente santo, enquanto o espírito de todos os outros homens eram profanos. Assim, vemos que a mente grega, por estar operando no pressuposto da correlatividade¹⁰ de Deus e do homem, também teria que operar no pressuposto de um Cristo relativista, um Evangelho relativista e um Espírito relativista. A mente grega estava fadada a negar o Absoluto onde quer que aparecesse. E nisso a mente grega era apenas típica da mente anti-teísta em geral, como aparecerá mais plenamente na sequência.

1 –A abstração do raciocínio anti-teísta

No parágrafo anterior, consideramos as consequências necessárias do relativismo inerente ao próprio alicerce da epistemologia grega. Devemos agora acrescentar que uma epistemologia inerentemente relativista também é necessária e inerentemente abstrata. Por outro lado, acreditamos que o método de implicação ou o processo de raciocínio transcendental empregado pelo teísmo cristão é necessário e inerentemente concreto.

Mas o que se quer dizer com o termo abstrato? Para deixar isso claro, devemos considerar um aspecto do argumento platônico da imortalidade da alma. É fácil entender que o raciocínio empregado por Platão é abstrato no sentido oposto ao empírico. Podemos destacar esse ponto analisando brevemente o argumento empírico da imortalidade, desenvolvido por Platão. Quando Sócrates está bebendo o cálice de cicuta, seus discípulos mais fiéis estão com ele na prisão para discutir a possibilidade de vida após a morte. Eles procuram raciocinar com base nos fatos que podem ver sobre eles em todos os lugares. Cebes teme que as almas na morte possam desaparecer como respiração. No entanto, existe na natureza uma lei de compensação universal. Deve haver, eles pensam, um retorno à vida, ou o mundo da geração logo teria a mesma forma em todos os lugares e,

¹⁰ NT: Termo usado por Van Til para falar de interdependência.

portanto, deixar de ser como é agora na sua diversidade. Mas então surge a questão mais fundamental: se existe alguma boa razão para sustentar que este mundo não deixe de existir por completo, ou pelo menos deixe de existir em sua atual forma de diversidade. Sócrates e seus amigos acham que seu argumento empírico não é necessariamente válido, a menos que esse mundo em mudança tenha um fundo imutável. Ou seja, a validade do raciocínio exclusivamente empírico é questionada.

Mas talvez a alma não dependa do corpo e, portanto, não pereça com o corpo. Pode ser que a alma possa tomar posse de vários corpos em sucessão. Talvez a alma não deva ser considerada como um efeito do corpo como uma harmonia é o efeito de tocar a lira. Talvez a alma seja a causa do corpo. Em breve, será mais forte que o corpo e provavelmente sobreviverá ao corpo. Mas, mesmo assim, as dificuldades de um argumento exclusivamente empírico permanecem. Suponha que a alma possa desgastar vários corpos com o uso; que prova empírica existe de que a alma não se desgastará afinal? Como um tecelão pode vestir muitos casacos, mas seu último casaco o veste, assim a alma pode vestir muitos corpos, mas seu último corpo o veste. Enquanto o argumento permanecer empírico, e apenas empírico, não há grande conforto para Sócrates, pois ele está prestes a beber o copo de cicuta.

Foi nesse momento que o argumento descrito acima, ou seja, sobre a participação da alma na Ideia de vida, foi introduzido. Sócrates e seus amigos achavam que algo tinha que ser feito como uma tentativa de buscar uma base mais segura do que aquela proporcionada por seu modo empírico de raciocínio. Não que eles estivessem prontos para descartar completamente o raciocínio empírico. Eles acham que deve haver algum significado e importância para todo o universo temporal e, portanto, também deve haver algum significado para o processo de raciocínio engajado pelos homens que são produtos deste mundo. Por outro lado, eles também sentiram que, de alguma forma, a alma do homem também era um cidadão de um reino eterno. Por isso, talvez a verdadeira validade do raciocínio do homem deva ser buscada no fato de que a mente do homem é uma mente eterna. Por esse motivo, foi feita uma tentativa de mostrar que a alma do homem participou da própria Ideia de vida.

Mas agora devemos observar cuidadosamente que, de acordo com Platão, leis completamente diferentes obtêm no mundo eterno das Ideias do que no mundo temporal

dos sentidos¹¹. No mundo dos sentidos, não há nada do qual se possa confiar. Não há como dizer, exceto que as coisas podem se transformar em seus próprios opostos. Não existe uma unidade subjacente que controle e dê sentido à diversidade do mundo sensível. Existe aqui uma pluralidade suprema sem uma unidade igualmente suprema. É por essa razão que não havia garantia encontrada no raciocínio empírico para a imortalidade da alma. Mas no mundo das Ideias tudo é diferente. Não muda nada. Lá parece que encontramos uma unidade suprema sem uma diversidade igualmente suprema. A alma que participa da natureza da Ideia de vida também participa da natureza da imutabilidade que é característica da Ideia de vida, bem como de todas as outras Ideias. Portanto, as coisas nunca podem mudar para seus opostos. Mais do que isso, as coisas nunca podem mudar. No mundo das Ideias, as qualidades são absolutas.

A qual desses dois mundos, então, a alma realmente pertence? Certamente, ela não pode pertencer a ambos, se as qualidades do mundo Ideal são resumidas em completa imutabilidade e as qualidades do mundo sensível são resumidas em completa mutabilidade. Por outro lado, é igualmente certo que a alma deve pertencer aos dois mundos ou não haveria unidade em seu pensamento. Platão não pode escapar dessa dificuldade e não deseja escapar. Por isso, ele admite, no final, que talvez não seja tão tolo, afinal, ouvir os antigos que afirmavam ter uma revelação dos deuses sobre o assunto.

Não é que Platão não tentasse resolver o mistério da revelação de dois mundos que são, por definição, tão absolutamente diversos. Ele tenta resolver a dificuldade dizendo que “coisas concretas, que, embora não sejam opostas, contêm opostos...”. Ou seja, os fenômenos concretos deste mundo são totalmente mutáveis em si mesmos e podem se transformar em seus próprios opostos, para que não possamos depender deles. No entanto, essas coisas concretas de alguma forma carregam nelas elementos do mundo das Ideias. Para usar uma ilustração grosseira, podemos supor um copo de água contendo pedaços de gelo. A água em si é suave e mutável, mas o gelo é duro e seguro. Mas agora suponha que um copo de água colorida contenha um pedaço de gelo colorido de preto e outro copo de água contendo um pedaço de gelo branco. Se esses copos de água forem despejados em um copo maior quando ainda quente, eles logo se misturariam, mas os

¹¹ “But now we are to observe carefully that, according to Plato, altogether different laws obtain in the eternal world of Ideas than in the temporal world of sense”.

pedaços de gelo contidos em cada copo não se misturariam. Agora podemos comparar cada copo de água com um fenômeno sensorial concreto. A água clara se misturaria com a colorida, e a colorida se misturaria com a clara. Em contraste com isso, podemos comparar os pedaços de gelo com os elementos de Ideias contidos nos objetos concretos dos sentidos. Os pedaços de gelo não se misturariam. Eles resistiriam a se misturar. Eles insistiriam em manter suas próprias qualidades.

Até agora tudo parece ser bastante simples. Mas a dificuldade surge quando lembramos que os pedaços de gelo estão, de alguma forma, soltos de seu reino nativo e estão flutuando no meio muito ajustável chamado água. E agora há duas perguntas que clamam por uma resposta ao mesmo tempo. Em primeiro lugar, precisamos saber por que esses pedaços de gelo estão flutuando soltos. A questão de *Cur Deus Homo* continua em pé. Se a alma participa da Ideia de vida e, portanto, com toda a justiça pode ser comparada ao pedaço de gelo que flutua na água do mundo temporal, por que a alma deixou seu lar na glória? Esta é uma pergunta inteiramente justa a ser feita, na medida em que o mundo dos sentidos foi pensado como não tendo significado separado do mundo das Ideias. Dizia-se que o mundo dos sentidos não possuía qualidades permanentes, a menos que se pudesse demonstrar que estava conectado ao mundo ideal. Portanto, todo o pedreiro pela a aparência do mundo dos sentidos deve ser encontrado no mundo Ideal¹². E isso é o mesmo que dizer que a alma deve ser capaz de nos dizer por que se encarnou.

No entanto, nenhuma resposta é dada. E a razão para isso pode ser encontrada, acreditamos, no fato de Platão realmente não sustentar que o mundo Ideal já existisse em completa independência do mundo dos sentidos. É sem dúvida verdade que Platão sustentou que o mundo dos sentidos nunca teve nenhum significado aparte do mundo Ideal, mas, no fundo, ele também sustentou que o mundo Ideal nunca teve nenhum significado para si próprio aparte do mundo dos sentidos. Já vimos que, para Platão, o tempo é a imagem em movimento da eternidade. Um mundo é para Platão inconcebível sem o outro. E se for esse o caso, não é de admirar que a alma seja incapaz de responder

¹² “Hence the whole reason for the appearance of the sense world at all must be found in the Ideal world”.

à pergunta por que se encarnou. Pois neste caso a alma sempre esteve encarnada em certo sentido.

Este ponto será mais facilmente compreendido se recordarmos que, para Platão, não há mudança possível de qualidades no mundo Ideal. Isso, se tomado estritamente, significaria que nenhuma mudança poderia ocorrer em lugar algum. Teologicamente expresso, isso significaria que a criação seria impossível. A alma realmente não se tornou carne, mas sempre se encarnou em suas várias encarnações. Assim, o mundo dos sentidos sempre deve ter existido na independência do mundo Ideal ou os dois devem sempre ter existido na dependência mútua entre si. O mesmo pensamento vem à expressão se dissermos que, para Platão, a única maneira pela qual o tempo e a eternidade poderiam entrar em contato seria por meio de uma mistura. Criação ou encarnação seria nada menos que diferenciação essencial. Platão, de uma vez, conceberia as Ideias como imóveis, de modo que a encarnação seria impossível. Por outro lado, vendo que a encarnação era um fato, apesar de sua impossibilidade teórica, ele sustentaria que o eterno havia entrado no temporal, de modo que não havia mais uma diferença essencial entre tempo e eternidade. Podemos mais uma vez usar a analogia dos cubos de gelo na água. De uma vez, Platão sustentava que o gelo era a única realidade verdadeira. Você poderia chutar isso e ficaria imóvel. No entanto, ele diz que a água também era real até certo ponto. Se os cubos de gelo mantivessem sua realidade e conseqüente poder de resistência, seriam necessários alguns atritos no meio em que estavam operando. Assim, seria impossível não atribuir alguma realidade à água na qual os cubos de gelo estavam flutuando. E então se descobriu que a virtude é realmente ensinável, que existe um estágio intermediário entre o reino das Ideias e o reino dos sentidos. Afinal, o gelo parecia se transformar em água e a água parecia se tornar gelo. E a única explicação poderia ser que eles eram, no fundo, constituídos pelo mesmo material. Era somente isso que poderia explicar em qualquer grau as muitas encarnações da alma.

Agora, por implicação, também respondemos à segunda pergunta que faríamos, a saber, como é que esses cubos de gelo, flutuando como estão em um meio estranho, são capazes de resistir um ao outro, como Platão diz que sim? Platão diz: “Nada que traga o

oposto admitirá o oposto daquilo que traz, naquilo a que é trazido.”¹³ Por que um pouco de qualidade abstrata solta de suas amarras eternas no mundo Ideal deveria fazer alguma coisa? Como a alma seria capaz de realizar algum bem duradouro e, portanto, seria verdadeiramente virtuosa quando tudo o que fizesse se tornaria seu oposto depois de todo o trabalho ter sido feito? Não haveria fundamento para a ética ou o conhecimento. Platão tentou fazer o que os pragmáticos atuais estão tentando fazer e achou isso impossível. E, no entanto, ele também pensou que, de alguma maneira, isso estava acontecendo.

Agora, todos esses argumentos foram apresentados para mostrar como Platão esgotou as possibilidades do pensamento anti-teísta no campo da epistemologia e falhou completamente em encontrar uma solução para o problema do conhecimento. Em primeiro lugar, Platão tentou encontrar uma base para o conhecimento apenas no mundo dos sentidos. Ele percebeu que isso era totalmente impossível, porque não havia uma unidade sobre a qual, como pano de fundo, a diversidade de experiências pudesse ocorrer. Nesta base homem não podia saber nada sobre nada, porque o conhecimento de algo, como tal, teria de incluir um conhecimento sobre seu lugar, bem como sobre seu passado. Mas vimos que, em um terreno puramente empírico, não era possível determinar se a alma seria ou não imortal.

Em segundo lugar, Platão tentou encontrar conhecimento buscando-o apenas no mundo Ideal. Mas essa tentativa também se mostrou ser um fracasso. Havia, para começar, problemas no próprio reino celestial. Parecia haver uma unidade fundamental e subjacente na Ideia do Bem. Essa ideia parecia governar como rei sobre todas as outras Ideias. Mas a pergunta era: com que direito a Ideia do Bem dominava todas as outras? Era porque a Ideia do Bem era mais última? Isso estava fora de questão.

As outras ideias eram igualmente definitivas e de modo nenhum derivavam da Ideia do Bem. Isso é assim, pode-se notar, pelo fato de haver Ideias de lama, cabelos e sujeira; isto é, havia Ideias de coisas más, assim como de coisas boas. Mas uma vez que era da natureza de todas as Ideias ser imutável e opor-se aos seus opostos, seria certamente

¹³ cf. Tradução de Jowett do *Phaedo*, p. 251.

intolerável contemplar a Ideia do Bem como trazendo a Ideia do Mal. Isso prova conclusivamente que havia para Platão uma diversidade fundamental, bem como uma unidade fundamental no mundo das Ideias. E isso de imediato parece ser bom, na medida em que é exatamente isso que estamos procurando em uma verdadeira teoria do conhecimento. Mas o ponto é que esse mesmo fato de que havia um mal fundamental e um bem fundamental prova que não havia realmente nenhuma unidade subjacente e controladora no mundo das Ideias, afinal. A Ideia do Bem era rei apenas no nome. Certamente seria incapaz de controlar seus súditos indisciplinados que eram tão eternos quanto ele mesmo. O mundo das Ideias de Platão era uma casa dividida contra si mesma.

Seria muito questionável se esse reino de Ideias seria de grande utilidade para ajudar os moradores da Terra a resolver suas brigas. Faltava unidade na esfera temporal, e era para pedir unidade que os habitantes da Terra haviam enviado aos reinos de Júpiter. Mas Júpiter teve suas próprias desavenças para resolver e não pôde enviar forças para a terra.

Em terceiro lugar, portanto, os plenipotenciários da Terra e do Céu decidiram que, uma vez que todos tinham que enfrentar os mesmos problemas, seria sensato reunir seus interesses e estabelecer uma federação interdenominacional de igrejas. Nesta federação, ninguém deveria sacrificar sua independência, pois o conselho da federação deveria ter apenas poder consultivo. A terceira e última posição de Platão mencionada no parágrafo anterior precisa de mais elucidação, porque representa a marca d'água do pensamento de Platão e, acreditamos, esgotou as possibilidades de todo pensamento anti-teísta, antigo ou moderno.

Essa terceira posição de Platão foi o resultado do reconhecimento de que a aceitação da primeira ou da segunda posição envolveria a aceitação de um método abstrato de raciocínio, que Platão estava mais ansioso para evitar. Era impossível abordar toda a verdade se alguém raciocinasse com base apenas em fatos empíricos. Por outro lado, nunca se poderia tentar explicar a realidade do mundo dos sentidos (mundo sensual), se alguém limitasse seu conhecimento apenas ao padrão do mundo Ideal. Estes não puderam ser mantidos separados. E o mais importante: Platão tinha a verdadeira percepção de que, a menos que alguém pudesse relacionar os dois mundos em um esquema abrangente de conhecimento, não se poderia esperar saber nada sobre os dois mundos. Ele sentiu que na alma humana os dois mundos estavam de alguma forma

unidos, e seria preciso entender essa união para entender a própria alma ou qualquer outra coisa.

A partir dessa crítica de Platão às suas posições anteriores, podemos aprender o que se entende por acusação de raciocínio abstrato. Significa o raciocínio com categorias inadequadas. Platão tentou argumentar com as categorias de tempo em que ele estava raciocinando empiricamente. Então ele descobriu que esse raciocínio não lhe dava informações sobre aquilo que ele mais desejava saber, isto é, se Sócrates deveria ser imortal. Então ele tentou argumentar com as categorias da eternidade. Mas quando ele fez isso, ele foi incapaz de explicar o mundo temporal porque as categorias da eternidade não se moveriam e não poderiam criar. A razão para esse fracasso não está longe. Platão supunha que era possível ao homem argumentar com as categorias da eternidade. Isso é, na natureza do caso, impossível para uma criatura condicionada pelo tempo, como o homem se encontra. E se é assim, existem apenas duas maneiras que podem ser seguidas: Pode-se concluir que não há conhecimento possível para o homem. As categorias de tempo são certamente insuficientes para explicar até as coisas temporais, quanto mais às eternas. Portanto, se ele só pode argumentar com a categoria temporal, seu conhecimento é inútil. A única maneira de o homem ter algum conhecimento das coisas eternas ou temporais é que um Deus pense por nós em categorias eternas e nos revele a medida da verdade que podemos compreender. Assim, sustentamos que o teísmo cristão é a única alternativa ao ceticismo. Mas Platão, na natureza do caso, não conseguiu entender esse ponto. Ele tomou como certo que na alma do homem deve estar a solução do mistério da existência. Ele não aceitava a ideia de que deveria haver um Deus que sozinho pudesse pensar em categorias eternas, mas acreditava que o homem também poderia fazer o que Deus poderia fazer.

Hoje encontramos a mesma atitude no modernismo quando o Dr. Fosdick, por exemplo, diz que acredita na divindade de Cristo, mas que também acredita na divindade de sua mãe. Ou seja, de acordo com Fosdick, Cristo e sua mãe incorporam uma medida do princípio do amor que pode ser chamado de divino. Mas, em tal apresentação, a questão que surge imediatamente é se o amor é temporal ou eterno. E se é dito que é eterno, toda a questão sobre quem pode pensar em categorias eternas surge novamente. Se o modernismo quer ser exclusivamente empírico, como costuma ser o caso, ainda não superou a primeira posição de Platão. Se Jesus é considerado apenas um homem, não há

garantia de que o bem que ele encarnou seja realizado de alguma maneira, mesmo que todos os homens tentem segui-lo. E, nesse caso, não há o menor motivo para esperar que todos os homens o sigam.

Ainda existem Ideias originais de lama, cabelo e sujeira, como Platão falou. Em outras palavras, se devemos pensar em categorias exclusivamente temporais, o mal no universo é tão fundamental quanto o bem, e não há razão para pensar que o bem penetrará no mal ou, se o fizer, não há sequer esperança de que o bem conquiste o mal. O parágrafo anterior também prova que nenhum homem pode realmente pensar em categorias exclusivamente temporais. Se ele procura permanência em qualquer aspecto, neste caso a permanência do Amor, ele deve tentar pensar em categorias eternas. Mas ele está constantemente na dificuldade em que Platão se encontrou quando tentou tornar categorias eternas operantes na esfera temporal. Assim, o pensamento do modernismo assemelha-se ao ato de um físico que tentaria medir a resistência de dois cubos de gelo em um corpo de água. Simplesmente não daria certo por causa do chão molhado.

Mas Platão realmente enfrentou as dificuldades envolvidas nesse dilema anti-teísta e tentou encontrar uma saída na terceira posição mencionada acima. O “Parmênides” faz uma crítica à noção do mundo Ideal em geral. Platão se pergunta quantas Ideias ou formas podem estar presentes em um objeto sensível. Tinha que haver no homem algo da Ideia do Bem e ao mesmo tempo haver no homem algo da Ideia do Mal, porque seria na alma do homem que haveria unidade para os dois mundos. Mas, de acordo com a doutrina das Ideias, as Ideias do bem e do mal teriam que ser absolutamente opostas uma à outra e recusadas a viver juntas sob o mesmo teto. Em outras palavras, o problema do mal permanece um mistério insolúvel caso as doutrinas das ideias fossem aceitas.

Além disso, Platão perguntou se o conjunto de diferentes Ideias poderia estar presente em um objeto sensual. Mesmo que não houvesse oposição entre duas Ideias presentes em um objeto devido à diferença de qualidade, haveria dificuldade devido ao tamanho. Toda a Ideia do bem deveria estar presente em cada um dos milhares de objetos dos sentidos. Mas como isso era manifestamente impossível, a Ideia do Bem teria que ser cortada em vários pedaços para que algo da Ideia pudesse estar presente em cada objeto. Mas se a ideia do bem fosse assim cortada, não seria mais possível fornecer a unidade indispensável ao conhecimento. Em outras palavras, a doutrina da Ideia deixou o

problema de um e dos múltiplos e, portanto, o da criação, sem solução. Se o mundo ideal fosse ele próprio uma pluralidade suprema, não poderia ser útil na tentativa de explicar a pluralidade do mundo em que vivemos.

Além disso, se as ideias fossem divididas, não haveria fim para esse processo. Uma Ideia seria necessária para toda participação de uma Ideia em um objeto sensual. E esse processo teria que continuar indefinidamente. Assim, o conhecimento ficaria frente a frente com uma regressão infinita.

Desesperado, Platão se pergunta se podemos então pensar que as Ideias não são mais do que nossos pensamentos, isto é, apenas subjetivos. Mas ele acha que isso não oferece escapatória. Se, nesse caso, as Ideias permanecerem em contato com o mundo dos sentidos e tiverem significado para isso, teríamos que concluir que todas as coisas pensam. Teríamos que sustentar que todo o nosso pensamento sobre a realidade é meramente subjetivo, isto é, que não há nada mais na realidade do que nosso pensamento subjetivo. Assim, o conhecimento seria reduzido a uma ilusão. Por outro lado, se as Ideias não passam de pensamentos, poderíamos pensar nelas como não tendo penetrado em toda a realidade, para assim nos salvar do subjetivismo. Mas, nesse caso, haveria uma área da realidade que não estaria de modo nenhum em contato com o pensamento. Haveria uma área da realidade totalmente desconhecida para qualquer um. E, no entanto, essa área pode ter alguma influência sobre a realidade que parecemos ter conhecimento. Portanto, nem teríamos conhecimento daquilo que pensávamos ter conhecimento. Mais uma vez estaríamos cara a cara com uma regressão infinita. Platão diz tudo isso dizendo que, neste caso, haveria pensamentos impensados. Ele enfatiza o fato de que, se pensarmos nas Ideias como sendo apenas pensamentos, o conhecimento seria tão impossível para Deus quanto para o homem. Haveria uma área da realidade que está além do pensamento de Deus. E Platão sente que essa é a pior coisa que poderia acontecer com qualquer teoria do conhecimento.

A conclusão final extraída dessa investigação renovada da teoria das Ideias é que o fato do conhecimento não pode ser explicado com ela. E a razão para isso era que a lógica empregada ao longo era muito abstrata e exclusiva. Era impossível obter um conjunto de qualidades imóveis para explicar qualquer coisa em um corpo inerentemente em movimento, como é o universo temporal. O tempo e a eternidade haviam sido

considerados desde o início como igualmente não derivados. Como então você poderia esperar que o tempo repentinamente fosse capaz e disposto a se submeter aos caminhos da eternidade? Por outro lado, como você poderia esperar que a Eternidade subitamente se sentisse em casa quando levada ao reino do tempo? Muito mais fácil você poderia trazer sob o mesmo teto um velho solteiro e uma velha empregada, ambos acostumados a uma vida de abstração um do outro, e esperar que eles se entendessem em harmonia, do que reunir os dois mundos de Platão. “Se postularmos Um que é apenas um (como fizeram os megarianos¹⁴), não podemos dizer nada sobre isso. Ou se (como os megarianos também fizeram) identificarmos Um com o Ser, teremos que predicar todos os tipos de predicados incompatíveis.”¹⁵

Por essas razões, Platão foi levado ao que chamamos de sua terceira posição. Nesta terceira posição Platão tenta fazer com que as categorias de tempo e eternidade se sobreponham. Em vez de começar com dois mundos que possuíam leis próprias que eles detestavam modificar, Platão agora pensa nesses dois mundos como sempre tendo estado juntos de alguma maneira. Nós, talvez, podemos comparar isso com um casamento precoce, como, por vezes, tem sido efetuada por pais para os seus filhos. Se dois filhos fossem casados desde o início de sua vida consciente, poderíamos esperar que fosse menos difícil morarem juntos do que para um casal que chegara à meia-idade antes do casamento. Um casal casado quando jovem aprenderia facilmente a dar e receber.

Assim, Platão tenta tornar sua lógica menos abstrata, pensando no Tempo e na Eternidade como sempre tendo estado juntos. O tempo é pensado como a imagem em movimento da eternidade. Assim, haverá algo de eternidade no tempo e algo de tempo na eternidade. Consequentemente, não será necessário fazer exigências rigidamente exclusivas pela imutabilidade completa das Ideias ou pela mutabilidade final do mundo sensual. O Sofista nos diz que, para salvar a predicação, devemos estabelecer a possibilidade de falsa predicação. A possibilidade de julgamento negativo envolve a possibilidade de julgamento positivo. Para usar nossa analogia mais uma vez, deve ser

¹⁴ NT: A escola Megárica de filosofia foi fundada por Euclides de Mégara, que tinha sido um dos alunos de Sócrates no final do século V a.C. Sua filosofia une a ideia eleática de "O Um" com a ideia socrática de "Forma do Bem".

¹⁵ Burnet, *Part One*, etc., p. 272.

possível para o marido e esposa divergir em algumas questões sem levantar imediatamente a questão do divórcio. As diferenças devem surgir no fundo de uma unidade mais profunda. Até aquele momento, o marido havia ameaçado o divórcio toda vez que não conseguia o que queria e a esposa tinha feito o mesmo. A partir de agora, eles permitirão certa quantidade de falsa predicação dentro do círculo da verdade do casamento. De fato, Platão deseja enfatizar esse ponto com muita força. A partir de agora, a predicação não terá significado, exceto com base na suposta indissolubilidade da união entre tempo e eternidade. 'É' e 'não é' não devem ter sentido, exceto em um mundo em que eles têm o mesmo direito e um nunca pode expulsar o outro completamente. "Não é" não envolve inexistência, mas alteridade. Nosso erro foi pensarmos na vida de casados como um estado de felicidade conjugal sem mistura. Agora percebemos como essa ideia era absurda. Agora até esperamos algumas brigas. Agora sustentamos que as diferenças são naturais.

Ainda existe certa independência. Platão fala disso quando diz que nem todas as formas se misturam, mas que algumas formas se misturam com outras formas. No entanto, como um todo, a harmonia deve ser efetivada, se é que deve ser efetuada de algum modo, por essa mistura de formas. Em nossas críticas a essa lógica platônica, não é imperativo discutirmos a questão em que medida Platão considerou bem-sucedida essa tentativa de solução do problema do conhecimento. Podemos dizer que Platão sentiu que o problema do conhecimento não havia sido resolvido, mesmo após essa modificação da doutrina das Ideias. Ele praticamente diz isso quando afirma que nem todas as formas se misturam com todas as formas. Se todas as formas se misturassem com todas as formas, haveria mais uma vez uma massa completamente incolor. Nesse caso, seria tão difícil fazer qualquer afirmação sobre a realidade como seria se todas as coisas fossem imóveis como o mundo das Ideias era anteriormente considerado imóvel. Em ambos os casos, estaríamos no local onde os megarianos estavam, que disseram que todas as coisas eram Um e concluíram que a situação era conseqüentemente impossível. E então nós estaríamos cara a cara com a questão de saber se este Um deveria ser pensado como temporal ou eterno. Se como eterno, então toda a realidade temporal permanece sem explicação. Se como temporal, não poderíamos deixar de pensar em uma pluralidade suprema. Assim, uma pluralidade última significaria a mesma coisa que uma unidade

última. E isso equivale a dizer mais uma vez que nossa predicação como um todo não tem significado.

Por outro lado, é difícil ver como Platão poderia dizer que algumas formas se entrelaçariam com outras, sem dizer também que todas as formas se entrelaçariam. Quem impediria que os cubos de gelo derretessem completamente, uma vez que você permitisse que eles derretessem de alguma forma? Em outras palavras, se você permitir que as categorias de eternidade e tempo sempre tenham sido mutuamente dependentes umas das outras, não haverá interrupção até que você chegue à estação chamada Pragmatismo. Certamente a resistência que um cubo de gelo deveria ter contra outro seria gradualmente reduzida até atingir a marca zero.

É assim que o argumento platônico é visto como abstrato por toda parte. Platão ficou satisfeito em admitir que seu argumento era abstrato, quando estava em sua primeira e segunda posições. Mas agora devemos observar que seu pensamento não perdeu nenhum de seu caráter abstrato, mesmo quando ele manteve sua terceira posição. A lógica de Platão permaneceu um caso de ou um ou outro. Uma interdependência suprema das categorias de tempo e eternidade leva à mesma abstração que a que leva a uma independência última dessas categorias. A razão para isso é que uma interdependência final acaba por resultar em uma vitória de um tipo de categoria sobre o outro. Platão não podia impedir que seus cubos de gelo se tornassem água, a menos que ele congelasse toda a água em gelo. Ou, para usar a ilustração do casamento mais uma vez, houve harmonia "para sempre", porque o marido nunca contestou as opiniões da esposa, mas as considerou como autoridade final.

Platão insistia que a Ideia do Mal era tão original quanto a Ideia do Bem. Ele também insistia que a Ideia de pluralidade era tão original quanto a Ideia de unidade. E mais do que isso, ele insistia que a Ideia do tempo era tão fundamental quanto a Ideia da eternidade. Isso significava dizer que a Ideia do tempo é tão eterna quanto a Ideia da eternidade em si. Ou equivale a dizer que a Ideia da eternidade é tão temporal quanto a Ideia da temporalidade. Tudo isso chega a uma completa confusão e invalidação do pensamento. Platão não pode escapar das críticas do terceiro homem¹⁶. Se deve haver

¹⁶ Quem expôs primeiro este argumento contra a teoria das Formas foi o próprio Platão, no seu diálogo *Parmênides*, onde põe na boca do célebre pensador pré-socrático Parmênides o argumento regressivo, que mostra que, se as coisas grandes são grandes por participarem de uma Forma de grandeza, seria necessário

uma Ideia do homem para explicar Sócrates que caminhou em Atenas, deve haver mais uma Ideia da participação de Sócrates na Ideia de Sócrates, e assim por diante *ad infinitum*. O próprio Platão viu claramente essa dificuldade ao criticar sua primeira e segunda posições. Ele nunca escapou dessas dificuldades em sua terceira posição. Os neoplatônicos demonstraram esse fato quando tentaram elaborar esse princípio platônico com relação ao mediador. Quando eles tentaram encontrar um mediador que fosse uma mistura entre o Eterno inacessível e o Temporal, eles tiveram que continuar fazendo mais Mediadores o tempo todo.

Todo pensamento anti-teísta deve enfrentar o argumento do terceiro homem, porque todo pensamento anti-teísta tenta os três caminhos de Platão e esses três caminhos são baseados em raciocínio abstrato. Agora devemos nos voltar para observar a tentativa do teísmo cristão de encontrar esse pensamento pagão.

REFERÊNCIA:

VAN TIL, Cornelius. Historical survey - Greek epistemology: its climax. In: **A Survey of Christian Epistemology**. Phillipsburg, New Jersey: Presbyterian and Reformed Publishing Co, 1969.

postular uma nova Forma de grandeza que abarque tanto as coisas grandes como a primeira Forma postulada. O argumento aparece aplicado à Forma de homem pela primeira vez na *Metafísica* de Aristóteles.